



# **IDENTIDADE EXISTENCIAL E ALCOÓLICOS ANÔNIMOS COMO UM MOVIMENTO DE AJUDA MÚTUA**

Fundação Finlandesa para Estudos do Álcool, Helsinki

Klaus Mäkelä

Trabalho apresentado na 12ª Conferência da ABEAD, Pernambuco, Brasil, de 18 a 21 de setembro de 1997.

Este trabalho é baseado em Mäkelä e colaboradores, 1996.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Deixar uma adição geralmente não é uma mudança gradual. Às vezes, o envelhecimento, aos poucos, extingue o beber que havia sido bem pesado e que muito provavelmente teria gerado dependência. Usualmente, no entanto, a mudança é muito mais abrupta. Sem dúvida, tais alterações podem, em alguns casos, ser realizadas por simples determinação e força de vontade. Pode ocorrer, no entanto, que essas mudanças comportamentais radicais e duradouras usualmente também envolvam uma mudança existencial e uma reestruturação do "self".

Visto a partir desta perspectiva, Alcoólicos Anônimos é uma interessante saída para o alcoolismo. Como tal, A.A. não é um tratamento, mas um movimento de ajuda mútua. Esta distinção tem sido tornada menos nítida pelo advento do tratamento profissional inspirado ou orientado para o programa de A.A., que difere do assim chamado "tratamento dos 12-Passos" em muitos aspectos, além da ausência de uma relação profissional/ paciente. Uma das diferenças fundamentais está no processo do grupo, entre o que ocorre numa reunião de A.A. e o que acontece numa sessão profissional de 12-Passos.

A minha apresentação de hoje é baseada no "International Collaborative Study of Alcoholics Anonymous", um estudo sociológico de A.A. como um movimento de mútua ajuda com a participação da Áustria, Finlândia, Islândia, México, Polônia, Suécia, Suíça e dos Estados Unidos. O meu foco está nas características do A.A. e, particularmente, nas reuniões de A.A. como eventos em que se fala e que dão espaço e suporte para uma mudança existencial.

### DIFUSÃO INTERNACIONAL DO A.A.

O A.A. se originou em 1935, nos Estados Unidos, e a maioria dos seus primeiros membros era da classe média superior. O A.A. pode ser descrito como uma invenção da classe média americana, mas tem mostrado uma impressionante habilidade para se espalhar para culturas e grupos demográficos que são inteiramente diferentes do seu meio cultural de nascimento.

Harry Levine (1992) comenta sobre o A.A. como sendo uma continuação das

tradições de temperança características dos países de língua inglesa e dos países nórdicos. Nesses países, a bebida alcoólica era, historicamente, de uso mais freqüente e o Protestantismo, a religião dominante. A combinação do beber desintegrador e do Protestantismo levou a uma preocupação obsessiva acerca dos problemas do álcool e aos movimentos poderosos e duradouros de temperança. O A.A. é uma continuação da mesma preocupação acerca do álcool, mas numa nova situação histórica. A distribuição dos grupos de A.A. no mundo, por região e dos pontos de vista lingüístico e cultural (Tabela 1), provê um suporte parcial à interpretação de Levine. As culturas de temperança de Levine responderam por 65 por cento da afiliação de membros de A.A., em 1988. No entanto, a tendência principal, visível na tabela I, aponta numa direção diferente. A proporção de todos os grupos ativos de A.A., situados nos países protestantes de língua inglesa e escandinava, claramente diminuiu de 1965 a 1988 e a participação dos países europeus do centro e do sul, particularmente os da América Latina, aumentou substancialmente. Em 1988, a América Latina respondia por quase um terço da afiliação de A.A. no mundo. Isso mostra que o movimento se espalhou bem além dos limites dos países tradicionais de temperança. Em 1986, as atividades duradouras de A.A. foram tipicamente estabelecidas em todos os países estáveis, não-comunistas e não-islâmicos. Depois das revoluções que aconteceram na Europa Oriental, o A.A. espalhou-se pelo restante da Europa. A Irmandade também tem estabelecido cabeças-de-ponte em alguns países asiáticos industrializados.

O primeiro grupo de A.A. no Brasil foi estabelecido em 1947 mas, nos primeiros 15 anos, o crescimento do movimento foi muito lento (tabela 2). Desde os anos 60, o A.A. tem crescido firmemente e num ritmo impressionante. Nos anos 70, havia no Brasil uns 500 grupos e hoje o A.A. registra 5700 grupos com cerca de 120.000 membros.

O livro básico de A.A., o assim chamado Livro Grande, foi traduzido para o português em 1969. O português foi a quinta língua para a qual o Livro Grande foi traduzido. Antes de 1969, somente havia sido traduzido para o espanhol, francês, finlandês e alemão.

O A.A. se espalhou em ondas; a primeira onda de difusão levou o A.A. para o mundo anglo-saxão e para o mundo protestante. A segunda onda cobriu os países católicos americanos e europeus. É ainda muito cedo para julgar se estamos observando o início de uma terceira onda, durante a qual está indo para se espalhar pelo mundo industrializado, independentemente das tradições religiosas e culturais. Se isso acontecer, o A.A. pode ser interpretado como um fenômeno universal moderno.

## O A.A. COMO UM MOVIMENTO: UMA FORMA ORGANIZACIONAL ÚNICA

O desenvolvimento normal dos movimentos sociais de longa duração mostra que são lentamente transformados a partir de um início, freqüentemente carismático, e tornam-se mais burocráticos e profissionais. Numa medida sem precedentes, o A.A. foi bem sucedido em criar uma organização que quebra a "lei de ferro da oligarquia". Bufe (1991) destacou o quão bem o A.A. levou para a prática os ideais organizacionais do pensamento anarquista clássico.

O pensamento da ciência social convencional tende a relacionar a eficácia organizacional com a estrutura burocrática. As organizações em que faltam uma estrutura centralizada e uma clara divisão do trabalho e do poder são olhadas como embriões de uma organização formal. Gerlach (1983) argumenta, no entanto, que estruturas celulares segmentadas podem ser organizações muito eficientes nas sociedades modernas. O sucesso de A.A. fundamenta fortemente o argumento de Gerlach.

O A.A. é baseado numa estrutura celular. Todos os grupos são autônomos e economicamente independentes, ao mesmo tempo em que estão abertos a qualquer um que deseje parar de beber. Os grupos crescem e morrem, proliferam e diminuem, dividem e se fundem espontaneamente. Todo o movimento é financiado por contribuições voluntárias e pela venda de literatura e os grupos decidem entre eles em que medida e para que propósitos desejam dar suporte às atividades a nível nacional.

O A.A. é também uma organização policéfala. Há uma quase total falta de qualquer estrutura central de tomada de decisões. Por outro lado, há muitos membros influentes competindo pela liderança que não se assenta predominantemente na posição do indivíduo na estrutura formal. Em todas as organizações, uma rede informal existe em paralelo com a estrutura formal, mas no A.A. a estrutura informal de prestígio é particularmente importante. Em A.A., o prestígio individual tem pouco a ver com a posição social na sociedade externa ao A.A. Os membros desfrutam de prestígio por causa da sua sabedoria, experiência de vida, trabalho realizado com as pessoas que ainda têm problemas com a bebida, engajamento prévio no serviço e habilidades na oratória. Choques de personalidade freqüentemente levam os grupos a se dividirem, mas isso não cria uma ameaça à organização como um todo porque o A.A. cresce por ramificação.

O A.A. não é absolutamente uma coleção amorfa de células; elas se juntam para formar uma complexa rede. Os membros visitam grupos da sua própria localidade ou de outros lugares, os grupos programam atividades conjuntas e há conhecidos oradores viajantes que atraem mais participantes do que as reuniões ordinárias. Conferências regionais e nacionais provêm a plataforma

para membros proeminentes e fortalecem ainda mais a rede social. Uma estrutura celular policéfala deste tipo tem muitas vantagens. O risco de um membro começar a beber é visto pelo A.A. como estando sempre presente, o que torna impossível construir uma organização em volta de membros em posições de poder. Pela sua natureza, uma estrutura policéfala evita potenciais disfunções para o movimento, ocasionadas pelo envelhecimento das lideranças, por conduta ilegal ou pela ossificação das estruturas hierárquicas. A estrutura celular também facilita a tarefa de alcançar diferentes grupos populacionais; nas grandes comunidades, há uma enorme variedade de grupos para o recém-chegado escolher de modo a capacitá-lo a ir para um grupo que se adapte à sua condição social, ideologia e personalidade. Ao mesmo tempo, a estrutura celular aumenta a adaptabilidade do movimento a diversas formas de atividade. As variantes mal adaptadas simplesmente desaparecem sem colocar o movimento, como um todo, em perigo. Se um grupo se divide ou acaba, os seus membros são absorvidos por outro grupo, enquanto um esforço bem sucedido pode ser repetido por outros grupos. A estabilidade do A.A., a unidade e o caráter policéfalo são facilitados por diversas características da sua organização. O princípio da decisão por consenso, mais do que por maioria de votos, tende a prevenir a divisão em frações. O princípio da rotação é um outro fator que previne divisões. Um indivíduo pode ser eleito para servir a nível nacional por somente um período e isso significa que os conflitos usualmente não coincidem com os desentendimentos pessoais. O fato de que o A.A. não aceita ajuda econômica de fora contribui para manter o grupo e seus membros como o local primário de tomada de decisões. E a regra de que o A.A., como uma organização, não toma posições em assuntos exteriores ao movimento nem em questões ligadas ao cuidado com alcoólicos ou assuntos diretamente relacionados às atividades do movimento diminui a necessidade de mecanismos de tomada de decisão centralizada. Os atributos estruturais e organizacionais acima descritos tornam o A.A. uma exceção entre todos os tipos de grupos e organizações de mútua-ajuda. De fato, que o A.A. tenha sido capaz de manter a sua estrutura fundamental não-burocrática e não-hierárquica por quase 60 anos por meio de tais princípios é o que o faz ser o mais interessante, como um movimento.

## O PROGRAMA DE A.A. COMO UM CONJUNTO DE CRENÇAS E COMO UM PROGRAMA DE AÇÃO

O núcleo da formulação do programa de A.A. é apresentado nos DOZE PASSOS. Em si mesmos, os Doze Passos são, literalmente, um programa.

Eles não formulam um código de conduta a ser interpretado, mas uma série de tarefas e problemas a serem resolvidos. Os Passos são freqüentemente divididos em três grupos. Os primeiros três Passos - admitindo o alcoolismo, colocando a si mesmo nas mãos de Deus ou de um Poder Superior - são chamados Passos de Decisão. Os Passos de quatro a nove, voltados para mudar a relação com a sua vida, são chamados Passos de Ação. Os Passos de dez a doze são chamados de Passos de Continuação e de Manutenção. O A.A. é baseado numa mistura especial de tradições escritas e orais. Ele difere de muitos outros movimentos de mútua-ajuda por possuir textos básicos altamente reverenciados que provêm uma moldura comum para os grupos, individualmente, e para os membros. Ao mesmo tempo, a tradição oral desempenha um papel mais significativo do que na maioria das organizações modernas (Gellman, 1964 p. 60). O papel da tradição oral está intimamente associado à ênfase do A.A. na experiência individual. Os textos básicos podem ser descritos como produtos da experiência individual e de grupo. O Livro Grande de A.A. (1965, p. 59) apresenta os Doze Passos como uma descrição resumida do que os membros iniciais fizeram ("aqui estão os passos que tomamos") e como um "Programa sugerido de Recuperação". É também significativo que a maioria das páginas do Livro Grande sejam dedicadas a histórias individuais de recuperação. Desde o seu início, o A.A. foi baseado no aprendizado pelo exemplo. O papel da transmissão oral está relacionado ao fato de que o A.A. não formula regras de conduta mas, antes, métodos de comportamento e maneiras de falar. Os métodos de trabalho e as maneiras de falar são aprendidos não como regras gerais que possam ser escritas, mas pela prática através do exemplo e pelo uso, como modelos, dos membros mais experientes. Em AA, aprendem-se virtudes e sabedoria oriundas da experiência; não regras de boa conduta (MacIntyre, 1984). Regras de conduta podem ser formuladas da mesma forma que uma legislação escrita classifica as ações como permitidas ou proibidas. Mas virtudes como a fortitude, a sabedoria ou a serenidade não podem ser formuladas num conjunto de regras classificando as ações como corajosas, sábias ou serenas. O papel do aprendizado pelo exemplo significa que há muito de cultural e mesmo de variação local no que é visto como um sistema de crenças de A.A. Há variantes extremamente doutrinárias e autoritárias mas também há variantes muito frouxas, abertas e liberais.

## PERDA DO CONTROLE E A NATUREZA DO ALCOOLISMO

O pré-requisito para uma continuada condição de ser membro em A.A. é

reconhecer a perda de controle sobre a própria vida por causa do álcool e identificar-se como um alcoólico. Enquanto os membros diferem em suas visões do alcoolismo, nós podemos identificar algumas crenças centrais do movimento (Eisenbach-Stangl, 1991b, 1991c).

O alcoolismo é uma condição explícita: "não há a condição de ser um pouco alcoólico. Ou se é ou não se é" (44 Perguntas, 1990, p. 8).

A fim de iniciar a recuperação, é preciso reconhecer pessoalmente o seu alcoolismo. O diagnóstico que vem de fora e a ajuda profissional não podem substituir a identificação pessoal. Este é o motivo pelo qual o A.A. não necessita de critérios codificados para caracterizar o alcoolismo. Em princípio, o diagnóstico de fora requer critérios objetivos. Contrariamente, o reconhecimento da impotência diante do álcool não depende de métodos codificados de diagnóstico.

A condição de ser um alcoólico é tão básica que pesa mais do que quaisquer outras diferenças individuais ou sociais. Esta crença tem significação estratégica para o A.A. desde que é o fundamento da igualdade básica dos membros. O A.A. é fundamentado na interação entre iguais que mutuamente reconhecem que são torturados pelo mesmo demônio (Eisenbach-Stangl, 1993). É mais sobre mútua-ajuda do que sobre auto-ajuda.

O progresso do alcoolismo pode ser detido, mas o alcoolismo, em si, é incurável. Uma abstinência por toda a vida é necessária desde que um alcoólico nunca pode voltar a beber moderadamente. "Uma vez alcoólico, sempre um alcoólico" (Livro Grande, 1955, p. 33). Na verdade, se um membro antigo é citado como tendo voltado a beber moderadamente, conclui-se, em primeiro lugar, que ele não era um verdadeiro alcoólico. Esta crença provê um maior suporte para a igualdade entre os membros. Embora os membros antigos sejam altamente respeitados por causa da sua experiência de vida sóbria, a fragilidade de serem alcoólicos os coloca na mesma condição de qualquer outro membro.

Deve ser acentuado que esses princípios centrais não são tanto para a descrição médica do alcoolismo como doença. Eles também dão espaço para uma considerável variação nas interpretações individuais. No início, o A.A. teve uma posição ambivalente em relação ao modelo médico do alcoolismo como uma doença. Por outro lado, os fundadores de A.A. geralmente evitaram o termo quase técnico de doença e usaram, no lugar dele, algum sinônimo como enfermidade (Kurtz, 1991). A sua ênfase estava na unidade da vida humana e na natureza tríplice do alcoolismo - física, mental e espiritual. Por outro lado, a literatura de A.A. é abundante em descrições do alcoolismo como uma doença. O alcoolismo é variadamente visto como uma "alergia física", mas também

como uma "obsessão mental" (Livro Grande, 1955 p XXVI, 12+12, 1986, p 22). Vale assinalar que discrepâncias semelhantes existem nos textos médicos e psiquiátricos acerca do alcoolismo (Eisenbach-Stangl, 1991; Falk, 1975; Miller, 1986; Room, 1978).

No A.A. de hoje, alguns membros aderem a uma particular teoria científica acerca da natureza do alcoolismo, enquanto que outros focam na sua impotência existencial com respeito ao álcool. Qualquer que seja a ênfase, o programa de A.A. não está interessado nas causas do alcoolismo. A aplicação do programa difere das teorias médicas no mesmo sentido em que não se baseia nas técnicas dos especialistas apoiados na gênese da condição a ser tratada. Praticar o programa de AA é uma realização conjunta de iguais.

### IDENTIDADE EXISTENCIAL E IDENTIFICAÇÃO

Anemia, hipertensão, depressão e adição, todas vêm em graus variáveis, mas a maioria das decisões clínicas é vista numa dicotomia. Não há linhas nítidas entre o beber normal e o beber dependente. Os diagnósticos categóricos são sempre arbitrários e servem ao imperativo prático da sua identificação como "casos para tratamento" (Rose, 1992). A partir de uma perspectiva diferente, mas de uma maneira igualmente categórica, a estratégia de A.A. requer que o membro assuma a identidade de ser um alcoólico.

A associação em A.A. é baseada na auto-identificação. A própria resposta de A.A. à pergunta "porque o A.A. parece não funcionar para algumas pessoas?" segue da seguinte maneira: o "A.A. só funcionará para aqueles que admitem que são alcoólicos, que honestamente desejam parar de beber" (44 Perguntas, 1990, p. 31). Em toda a sua circularidade, a formulação acentua a importância de permanecer membro, da autodefinição existencial de ser um alcoólico.

A identificação com os membros é um aspecto importante no processo de afiliação. O papel da identificação é mostrado num estudo de acompanhamento de pacientes tratados nas instituições de abuso de substâncias em Michigan (Humphreys & Woods, 1993). Brancos de áreas em que residem predominantemente brancos e pretos de áreas em que residem predominantemente pretos mostraram maior probabilidade de freqüentar um grupo de 12 Passos num período de um ano após o tratamento do que os indivíduos que eram minorias nas suas comunidades.

A estrutura celular de A.A. facilita a tarefa de alcançar diferentes grupos populacionais. Nas comunidades maiores, há uma grande variedade de grupos para o recém chegado escolher, dando condições a ele ou a ela de se juntar a um grupo que corresponda ao seu ou à sua condição social, ideologia e personalidade. Aos recém-chegados é usualmente dado o conselho para que



visitem tantos e diferentes grupos quanto for possível a fim de encontrarem um que se adapte melhor ao seu temperamento.

Por exemplo, os membros de origem hispânica de Los Angeles tendem a se agrupar em diferentes grupos de A.A. por nacionalidade, nível de educação e tempo de residência nos Estados Unidos (Hoffman, 1994). Os critérios de similaridade são, no momento, altamente variáveis. O teor das reuniões e as interpretações do sistema de crenças do A.A. freqüentemente são tão importantes quanto a posição social em determinar a escolha de um grupo. O processo de auto-seleção contínua e flexível é uma parte importante do funcionamento do A.A. como um movimento de ajuda mútua e serve como uma maneira informal e autodirigida de "comparação de tratamento" que provavelmente está além do alcance de qualquer programa de tratamento profissional.

#### A REUNIÃO DE A.A. COMO UM EVENTO EM QUE SE FALA

Cada reunião de A.A. é um evento social único e nunca diretamente baseado no que aconteceu numa reunião prévia e nem implica em qualquer compromisso para futuras reuniões. O que acontece em uma reunião é o importante para aquela específica reunião; a reunião não tem um propósito comum além do processo da reunião em si. Os membros de A.A. compartilham entre si (expressam as suas experiências e sentimentos) e identificam-se uns com os outros (ouvem empaticamente). Um grande valor é colocado na espontaneidade e na urgência em comunicar a experiência pessoal e em relacioná-la ao aqui e agora. Ainda mais, uma reunião de A.A. é um acontecimento social programado para o mesmo horário a cada semana, no mesmo local e no mesmo formato. A continuidade entre as reuniões fica por conta da repetição da agenda de reuniões, que usualmente permanece a mesma.

#### OS RITUAIS DE ABERTURA SEPARAM O TEMPO DESTINADO À REUNIÃO DO TEMPO LIVRE

A demarcação do tempo de reunião de A.A. do tempo de não-reunião é enfatizada por rituais de procedimento. Os rituais de abertura separam a reunião da interação mundana e antecipam a sua ordem específica de interação com o seu próprio sistema de depoimentos e modos de falar. Os rituais de abertura consistem principalmente da leitura de textos da herança de A.A.. Acrescentando, pode haver um momento de silêncio e rituais físicos como o de dar as mãos. Todos os textos de abertura declaram a condição comum das pessoas presentes, o seu problema compartilhado - o alcoolismo.

Ao longo da reunião, cada orador individualmente reitera o conteúdo principal do ritual da abertura feita em conjunto ao invocar a sua impotência com relação ao álcool. Na primeira vez em que um participante lê o texto, faz uma declaração ou fala, ele ou ela usam a fórmula de introdução: "eu sou (nome) e eu sou um alcoólico".

## REGRAS DE DEPOIMENTO

A mais óbvia diferença entre as conversações diárias e uma reunião de A.A. é que nas reuniões de A.A. as rodadas de fala são pré-distribuídas (Sacks, 1974). O coordenador tem o direito de falar primeiro e de fazer curtas observações após cada fala e desta maneira pode ter um grande impacto no fluxo da reunião. A primeira fala, depois da rodada de abertura feita pelo coordenador, é usualmente algo mais longa do que o restante.

As regras de rodízio da dinâmica principal variam entre reuniões. Em reuniões pequenas, os participantes freqüentemente falam segundo a ordem de assentos. No sistema de rodízio alternativo, pode ficar com o coordenador a decisão de selecionar o próximo que fala; aquele que faz o depoimento pode selecionar o próximo ou os participantes podem apresentar o seu desejo de falar elevando a mão. Todas as reuniões são organizadas em torno de muitos depoimentos, mais do que por pares de membros discutindo entre si. As rodadas não são seguidas de contestação ou respostas, como numa conversação normal. Ao contrário, as falas nas reuniões de A.A. não são na forma de conversa e o sistema de depoimentos é institucional.

Normalmente, não há limites na duração de um depoimento mas o tempo de reunião tende a ser dividido igualmente entre os participantes. A média de duração depende do número de participantes, uma vez que ordinariamente a duração de uma reunião de A.A. é limitada a uma ou duas horas. Se alguém fala por muito tempo, os outros participantes podem se tornar desatentos e inquietos, mas nenhuma sanção aberta é aplicada e falar longamente é correto se quem fala está seriamente perturbado. Se alguém usou muito tempo, os membros mais experientes que falariam depois, freqüentemente, dão a sua vez para poupar tempo em favor dos participantes que podem necessitar mais urgentemente de usá-lo. Às vezes, um cronômetro é usado, mas as reuniões toleram falas de duração variável. Passar a sua vez é perfeitamente aceitável. Os membros podem freqüentar a mesma reunião por longo período sem falar uma só palavra (Westerman, 1978). Neste aspecto, as reuniões de A.A. diferem de todas as versões de terapia de grupo.

As reuniões de A.A. são enfáticas no sentido de que as transgressões abertas das regras do discurso freqüentemente são simplesmente ignoradas e, assim,

não prejudicam a linha principal da reunião. O pesquisador de fora, por esta razão, não pode recorrer à técnica sociológica usual de determinar um conteúdo de normas descrevendo quais aberrações são contrapostas com sanções negativas. O seguinte sumário é baseado principalmente em reuniões na Finlândia onde todos falam por vez. Na base das observações das reuniões e entrevistas com os membros, as principais regras de fala podem ser simplificadas, como se segue (Mäkelä, 1992):

1. Não interromper a pessoa que está falando.
2. Falar das suas próprias experiências.
3. Falar tão honestamente quanto possível.
4. Não falar acerca de assuntos particulares das outras pessoas.
5. Não professar doutrinas religiosas ou dissertar sobre teorias científicas.
6. Falar sobre os seus problemas pessoais ao aplicar o programa de A.A., mas não pode tentar contestar o programa.
7. Não confrontar abertamente ou desafiar um depoimento prévio.
8. Não dar conselho diretamente a outros membros de A.A..
9. Não apresentar exposições acerca das causas do comportamento de outros membros de A.A..

As primeiras duas regras são as mais cruciais. A primeira regra dá apoio ao sistema não conversacional de depoimentos. A segunda regra restringe os tipos de depoimentos a autonarrativas. Na maneira de falar dos grupos, os membros compartilham as suas experiências, isto é, as relatam. Não obstante ser o tema da reunião um Passo, uma Tradição ou uma história pessoal, dos oradores é esperado que se refiram a elas através das suas próprias experiências. O modo de fazer os depoimentos é restrito a um tipo específico (autonarrativas) , mas o seu conteúdo é livre. Isso leva a uma grande variedade de temas. Na prática real, a noção de experiência pessoal é, às vezes, interpretada de modo muito amplo. Pode ser possível contornar a proibição de falar sobre tópicos políticos discutindo os próprios sentimentos políticos. A quantidade de referências aos depoimentos prévios varia de reunião para reunião e de cultura para cultura. De um modo muito geral, entretanto, pode-se dizer que um depoimento confirma os depoimentos prévios ou contém experiências opostas. "Os monólogos dos membros são colocados na mesa" com ou sem referência a qualquer coisa dita pelos oradores prévios. Uma pessoa pode relatar um recente evento traumático na sua vida. O próximo orador pode dizer alguma coisa trivial. Isso não significa que o membro traumatizado seja ignorado em favor de preocupações menores. Os membros não estão falando em continuação. O resultado líquido de uma noite de monólogos é nivelar os altos e baixos de todos os membros (Sadler, 1979 p.

391-302).

As regras do discurso têm que ser aprendidas pela prática. Se alguém quebra as regras, os oradores posteriores podem apresentar a sua própria experiência que indiretamente aponta para a natureza não-ortodoxa de um depoimento prévio. Se alguém parece falar de modo insincero, alguém pode relatar o problema que teve quando não era honesto consigo mesmo, mas nenhuma penalidade clara é normalmente aplicada durante a reunião pela quebra de qualquer uma das regras apresentadas acima. Após a reunião, observações mais diretas podem ser feitas.

### "FACE" E POLIDEZ NAS REUNIÕES DE A.A.

A principal característica das reuniões de A.A. pode ser discutida em termos de face. Face é a auto-imagem pública que cada membro de uma determinada cultura deseja para si próprio. Consiste de dois aspectos relacionados entre si, a face negativa e positiva. "A personalidade humana é uma coisa sagrada; não se deve ousar violá-la e nem violar os seus limites enquanto que, ao mesmo tempo, o maior bem é a comunhão com os outros. (Durkheim, 1953, p. 37). A face negativa se refere à liberdade de ação e à liberdade de imposição, isto é, "a vontade de cada membro adulto e capaz de que as suas ações não sejam impedidas por outros" (Brown & Levinson, 1987, p.61). A face positiva se refere ao desejo de ser reconhecido pelos outros, "a vontade de cada membro de ser desejável, pelo menos por algum dos outros" (Brown&Levinson, 1987, p. 61). Os rituais de abertura e a repetição do seu conteúdo principal por cada orador criam um forte laço para o sentimento de unidade e de igualdade: todos os participantes estão na mesma situação, a somente um gole de um acidente súbito. A condição existencial comum cria uma atmosfera de polidez positiva e de solidariedade. Num nível mais técnico, entretanto, as regras de falar em reuniões de A.A. são arrançadas no sentido da polidez negativa - para honrar a necessidade do participante em relação à autonomia, mais do que para a sua necessidade de aprovação.

A proibição de uma conversa cruzada é uma importante regra que dá suporte à face negativa de quem faz o depoimento. Nas reuniões de A.A., o direito de falar da pessoa que está na cabeceira de mesa é respeitado ainda quando alguém teve problemas em completar o seu depoimento. Permitir a alguém optar por permanecer em silêncio também soma para honrar a sua face negativa. Além do mais, a falta de uma resposta negativa direta ao depoimento prévio protege a face negativa de todos os participantes.

Ao proteger todos os participantes contra violações da sua face negativa, as regras de falar em A.A. criam espaço para narrativas desmerecedoras e

humilhantes, que, em outros contextos, significaria uma perda total da face. Em A.A., os membros tem que "desistir do seu medo de perder a face a fim de manter a face"(cf. Scollon & Scollon, 1981, p. 170). Ou como colocou um membro do A.A. finlandês: "o segredo de A.A. é que você tem a sensação de que "estes bastardos não estão, sequer, interessados em você". Ninguém em A.A. pergunta de onde você veio e para onde você está indo".

Na conversação ordinária, dar o retorno não é só um direito como é também uma obrigação; é parte da mesma administração requerida pelo envolvimento conversacional. Nas reuniões de A.A. falta o retorno negativo que desafia a face negativa do orador, mas muitos novatos também se sentem desconfortáveis acerca de não receber um retorno positivo. Nas palavras de um outro membro do A.A. finlandês: "o A.A. é como uma longa análise com o grupo agindo como analista; é importante que os membros não comentem entre si, mas que a cada membro seja permitido tirar as suas próprias conclusões".

As regras do discurso permanecem implícitas e devem ser aprendidas ao longo de um esperado período de tempo. Fora da reunião, os membros voltam ao reino da vida diária com as suas imposições morais ordinárias. A interação informal que existe antes e após a reunião é complementar à reunião e ajuda a fortalecer as relações sociais do grupo. Além do mais, os desentendimentos e as animosidades podem ser ventiladas sem ameaçar o formato da reunião.

## CONCLUSÃO

A despeito de toda a variabilidade, uma reunião de A.A. é uma formação social muito particular. Não requer as mesmas predisposições e habilidades como as organizações burocráticas ocidentais, mas é também diferente das formas tradicionais de organização social espontânea. É informal e ainda assim é mais estruturada do que a maioria das reuniões informais. Tanto o depoimento quanto o tipo de fala agem como tipo de rodada que são institucionalmente restringidas.

Em primeiro lugar, o sistema de A.A. de rodada é baseado em extensos depoimentos que excluem a discussão no sentido usual da palavra. Em segundo lugar, os depoimentos dentro da reunião são delimitados às autonarrativas de um modo que restringe os comentários ao depoimento anterior. As regras de falar em reuniões de A.A., por esta razão, diferem da maioria das formas de terapia de grupo profissional. É também importante destacar que o estilo de confrontação e interpretativo das reuniões de 12-Passos, em qualquer instituição profissional difere das reuniões tradicionais em A.A..

## PARA TERMINAR

É tempo de apresentar um sumário conclusivo da minha apresentação. O que eu tentei fazer na minha fala foi mostrar como os princípios organizacionais de A.A., o sistema de crenças de A.A. e o formato das reuniões de A.A., todos juntos, provêm espaço e suporte para a redefinição da identidade existencial e para a reestruturação do "self", que é a parte central do processo de A.A..

TABELA 1. Grupos de A.A. e membros no mundo em 1965 e 1988 por região, língua e cultura, em porcentagem.

Grupos Membros

	1965	1988	1988
Estados Unidos e Canadá	81,1	59,9	59,1
Outros países de língua inglesa	8,3	6,1	5,0
Escandinávia	2,0	1,4	1,3
Outros países europeus	2,3	5,2	5,0
América Latina	5,7	26,8	29,1
Outros países	0,6	0,6	0,5
Total	100	100	100

TABELA 2. Grupos de A.A. e membros no Brasil.

Ano Grupos Membros

1947	1
1953	2
1964	29 2.500
1974	500
1979	1.300
1987	1.530 71.800
1997	5.710 120.000

Fonte: dados fornecidos pelo Escritório de Serviços Gerais do A.A. do Brasil

Muitas 24 Hs. SÓ POR HOJE!

Luizsereno